



## **O ACAMPAMENTO CORAGEM E OS IMPACTOS GERADOS PELA USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (MA): NARRATIVAS E RESISTÊNCIAS**

**Laylson Mota Machado\***

**Universidade Federal do Tocantins - UFT**

[laylsonmm@gmail.com](mailto:laylsonmm@gmail.com)

**Rejane Cleide Medeiros de Almeida\*\***

**Universidade Federal do Tocantins – UFT**

[rejmedeiros@mail.uft.edu.br](mailto:rejmedeiros@mail.uft.edu.br)

**RESUMO:** Este artigo analisa a percepção dos moradores do Acampamento Coragem, em relação aos impactos sofridos com a instalação da Usina Hidrelétrica de Estreito (MA). Busca evidenciar a visão dos ribeirinhos em relação aos impactos socioespaciais dos empreendimentos, considerando os conflitos ocasionados com a instalação da barragem na comunidade. Explora a compreensão das formas de organização social e política dentro de um acampamento, assim como identifica os problemas enfrentados pelas famílias atingidas durante a implantação da usina e após sua construção. A pesquisa é de natureza qualitativa, com observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontaram que o sistema capitalista tem reproduzido as desigualdades sociais em nossa sociedade. Este trabalho contribui para a reflexão acerca das diferentes análises sobre as formas de desenvolvimento reproduzidas pelo Estado, como a ressignificação sobre territórios e seus processos de migração.

**PALAVRAS-CHAVES:** Desterritorialização – Acampamento Coragem – Usina Hidrelétrica de Estreito.

---

\* Mestrando em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT – UFT). Cientista Social, com habilitação em Sociologia, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios Populares e suas Representações (LaTPOR – UFT). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

\*\* Doutora em Sociologia (UFG), Mestre em Educação (UFG), Especialista em Agroecologia (UEG), Graduação em História (UEPE) e Pedagogia (UFPA), professora do curso de Educação do Campo – UFT, Tocantinópolis. Professora e vice – coordenadora do Programa de Pós – graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT - UFT). Estuda os temas relacionados a Territórios, Territorialidades, Cultura, Movimentos sociais do campo, Nova Cartografia Social (PNCSA), Povos e comunidades tradicionais, Educação popular e do campo, Mulheres camponesas e práticas agroecológicas.

## THE CAMP COURAGE AND THE IMPACTS GENERATED BY HYDROELECTRIC POWER PLANT (MA): NARRATIVES AND RESISTANCES

**ABSTRACT:** This article analyzes the perception of Camp Coragem residents in relation to the impacts suffered with the installation of the Estreito Hydroelectric Power Plant (MA). It seeks to highlight the view of the Riverside swellers in relation to the socio-spatial impacts of the projects, considering the conflicts caused by the installation of the dam in the community. It explores the understanding of the forms of social and political organization within a camp, as well as identifies the problems faced by families affected during and after the plant was set up. The research is qualitative in nature, with participant observation and semi-structured interviews. The results showed that the capitalist system has reproduced social inequalities in our society. This paper contributes to the reflection about different analyzes on the forms of development reproduced by the State, such as the resignification of territories and their migration processes.

**KEY WORDS:** Desterritorialization; Courage Camp; Usina Hidrelétrica de Estreito.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto dos resultados de uma pesquisa realizada no ano de 2018, na qual se buscou captar as concepções e representação dos atingidos do Acampamento Coragem e, a partir daí, produzir uma análise sobre os impactos, conflitos e percepções que estão atrelados à construção da Usina Hidrelétrica de Estreito<sup>1</sup> (UHE). Foi realizada uma observação participante (e essa foi a principal metodologia de pesquisa) com os moradores do Acampamento Coragem, formado por um grupo de ribeirinhos, tendo quarenta famílias residindo no acampamento. Estes são associados à colônia de pescadores da cidade de Estreito, que ao serem desterritorializados<sup>2</sup> do local em que viviam e retiravam seu sustento, passaram a ocupar as terras do Consórcio Estreito Energia (CESTE), que se encontra à beira do lago da UHE.

---

<sup>1</sup> Município localizado no Sul no estado do Maranhão. Tem, segundo o IBGE, uma população de aproximadamente 42 mil habitantes. O nome da cidade é uma alusão à parte mais estreita do rio Tocantins, onde se encontram construídas duas pontes que unem os estados do Maranhão e Tocantins. Nesta cidade localiza-se a Usina Hidrelétrica Estreito, inaugurada em 2012.

<sup>2</sup> Tal fator ocorre quando os empreendedores apresentam propostas de indenização, como intermédio de retirada das famílias do local em que a usina irá se instalar, processo ocorrido em toda grande construção de barragens. Isso gerou a migração das famílias atingidas para outros locais diferentes do que viviam o que acaba gerando a exclusão, precarização e privação da vida dos atingidos por barragens, como é o caso dos moradores do Acampamento Coragem (ROCHA, 2016).

Nesse sentido, o objetivo deste texto é trazer uma análise dos impactos e conflitos da instalação da UHE de Estreito nas comunidades ribeirinhas, dando ênfase aos atingidos do Acampamento Coragem, que, por serem desterritorializados do meio em que viviam, passaram a buscar seus direitos de acesso à moradia e, com isso, ocuparam as terras do CESTE, como forma de reivindicar os direitos negados. Esse trabalho foi construído analisando as percepções dos atingidos do Acampamento Coragem em relação aos impactos socioespaciais da barragem de Estreito. Também, buscou-se compreender as formas de organização social e política das famílias no acampamento, como também identificar os problemas sociais que passaram a ser enfrentados pelos ribeirinhos durante a implantação da usina e após a sua construção, evidenciando como a lógica capitalista tem produzido desigualdades pautadas pela divisão de classes entre empreendedores e atingidos, em que sempre os trabalhadores/as são o que mais sofrem.

Muitos têm sido os estudos acerca dos conflitos socioambientais que são latentes e de suma importância para o pensamento crítico. Entretanto, cabe destacar como um conflito social ocasionado pela construção das barragens tem causado a uma comunidade marcas que impactam a sua cultura e sociabilidade, tendo sido retirada agressivamente de seu território, passando a mudar sua forma de vida e de organização socioespacial. É por meio disso que este artigo busca evidenciar fatores de extrema importância para a análise sociocultural de uma população tradicional atingida por uma barragem.

## **NARRATIVAS E RESISTÊNCIAS DOS/DAS ATINGIDAS/OS PELA BARRAGEM DE ESTREITO**

As narrativas orais surgem a partir da história oral de vida que “[...] é um gênero cultivado e com crescente público. Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso [...] e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.198). Destacamos neste trabalho as narrativas dos atingidos pela UHE de Estreito e que atualmente vivem no Acampamento Coragem.

Meihy (1996) destaca que a História oral de vida “[...] trata-se da narrativa do conjunto das experiências de vida de uma pessoa” (MEIHY, 1996, p.291). Destacam-se as histórias dos acampados que expuseram seus modos de vida, especificamente, os

impactos sofridos com a instalação da Usina Hidrelétrica de Estreito, pondo em ênfase as formas com que esse megaempreendimento atingiu suas vidas antes, durante e até mesmo após a construção da barragem.

Muitos relataram em suas entrevistas sobre os deslocamentos de suas antigas territorialidades e de como isso causou efeitos irreversíveis em suas vidas. Impressiona a fala de um dos interlocutores:

Aí quando foi pra sair tinha um fazendeiro lá, o filho do fazendeiro me deu uma área lá pra mim plantar e olhar lá uns objetos dele. Aí eu tinha um plantio, aí ele me deu um alqueiro pra mim cercar: “Oia cerca aí um alqueiro aí, fica trabalhando e olhando” que ele tinha uns plantio, tinha uns gado, uma casa, né. Aí eu ficava olhando os gado dele e a casa em troca da área, né. E quando eles foram (...) E eles não me indenizaram, o CESTE devia me dá uma indenização grande, inclusive eu tô até com eles na justiça. Porque eles derrubaram meu barracão, não me indenizaram, derrubaram a mandioca, eu tinha 270 pés de pimenta tirando e vendendo toda semana, eles não me indenizaram também. Aí lá é o seguinte, eles vieram lá fazendo aquela pesquisa e que era pra poder indenizar, né. Aí dependeu do fazendeiro e o fazendeiro disse que só ia assinar pra uma pessoa, inclusive ele assinou mesmo só pra um. Aí eu fui lá pra ele assinar (...) “Vai lá no CESTE que aí eles dão informação”; aí eu fui no CESTE, eles me mostrou o documento mas disse: “oia eu tô com o documento aqui seu mas você tem que ir lá no fazendeiro pra ele assinar, se ele assinar”. Aí eu fui lá e o velho não quis assinar, que só ia assinar só pra fulano e acabou. Aí eu não fui obrigar ninguém né, aí eu larguei de mão. (PESCADOR A, 2018, 60 anos)



Cabe ressaltar que antes da instalação da barragem, o pescador A vivia na Ilha da Cigana, que a mesma foi alagada e por indenização ao município o CESTE construiu uma praia artificial, dando o mesmo nome da antiga ilha. Segundo o atingido, eles não eram reconhecidos como detentores de direitos, pois segundo os empreendedores a ilha era de posse do município; entretanto, muitos pescadores tinham barracos construídos na ilha, viviam tanto da pesca como da plantação, essas questões não foram levadas em consideração pelo administrador da usina.

A narrativa do pescador perpassa as histórias de vida de todos os atingidos que hoje vivem acampados e lutam pela terra que é o Acampamento Coragem, muito dos moradores sofreram com os efeitos causados pela desterritorialização. Ao ser questionado sobre o processo de negociação e da retirada de seu antigo acampamento, o Pescador B destaca:

Na verdade, pra mim não falaram nada. Só que eu sabendo as coisas já não deixava dentro do barraco. Quando nois chegamos a visitar, chegamos no barraco pra vê como que tava a situação, o barraco já tava queimado. E quando não era queimado eles chegava com motor serra e cortava e ia embora. Ai a gente já via fazer com os amigos (...) serraram e queimaram. Era dentro da Ilha, no meio da Ilha. A ilha inundou tudo mais o barraco já tinha sido derrubado. Nois já não deixava mais, só com medo disso porque já tinha feito com outros. (...) de vez em quando aparecia um barraco queimado, serrado... tinha deles que eu acho que tinha educação ou dó pedia pra tirar as coisas. (PESCADOR B, 2018, 59 anos)

Esse processo é marcado por muita lembrança e dor, pois, ao se lembrarem do lugar que foi alagado, sempre rememoram sobre a vida que tiveram lá, de como era produtiva e mais fácil de se trabalhar. A narrativa dos acampados é marcada por lutas, memórias e resistência, mesmo após a instalação da usina até hoje enfrentam o CESTE ao reivindicarem os seus direitos, como a disputa pela terra que hoje ocupam. Segundo Benincá (2011):

A identidade de resistência, formada em meio aos conflitos, pode se transformar em identidade de projeto. No caso, os “atingidos” por barragens podem transmutar da condição passiva – de objetos que são muitas vezes relegados – para posição de sujeito sociais. (BENINCÁ, 2011, p.310)

A resistência “[...] é constituída por atores em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação” (BENINCÁ, 2011, p.310). Por meio disso, destacam-se os moradores do Acampamento Coragem que atualmente ocupam esse território como forma de resistência, sendo tanto suas condições como histórias de vida desvalorizadas pelo CESTE. Dessa forma, “[...] ao resistir aos projetos hidrelétricos, o MAB enfrenta ao mesmo tempo o sistema capitalista – com seu caráter economicamente explorador, socialmente excludente, ideologicamente imperialista e colonizador – e o modelo energético.” (BENINCÁ, 2011, p.310)

Dessa forma, a luta pela terra que hoje é o Acampamento Coragem se caracteriza como um meio de resistência que os/as atingidos/as procuraram, recorrendo aos seus direitos. A permanência num território que judicialmente está em disputa é uma forma de resistir e lutar pela conquista da mesma. Todo esse trajeto já foi marcado por processos de lutas e resistências por todos os moradores do acampamento. As narrativas

de suas histórias de vida se destacam nos processos enfrentados contra a barragem desde sua instalação até os dias de hoje.

Rapaz, representa muita coisa ruim. Porque boa até agora eu ainda não achei não oh. Antes da barragem era outra estrutura porque o peixe migrava, aí você acompanhava o peixe na migração, aí era muito peixe, era abundância. Hoje a barragem destruiu tudo. A mortandade do peixe, o peixe morreu tudo. Quem ta acabando com o peixe é a barragem. Eles tiravam 40 toneladas de peixe ao dia. De peixe morto. (PESCADOR A, 2018, 60 anos)

Como destacado pelo pescador, as marcas deixadas pela construção da Usina Hidrelétrica impactam tanto sua vida como a produção pesqueira que se tinha antigamente. Além desses fatores a saúde é um dos efeitos sofridos pelo atingido que destaca: “Pra mim eles podem fazer recompensação de qualquer maneira, mas não dá pelo prejuízo que ele me deu. Além de minha saúde que ele tirou, entendeu? Pra mim o mais importante é a saúde. Hoje eu sou operado né. E a saúde minha é fraca, é precária”. Por conta dos embates enfrentados contra o CESTE e a implantação da barragem, o pescador A, ao participar desses processos, acabou sofrendo com estresse, aumento de pressão e rompimento da aorta, o motivo que o levou a operar, tudo isso segundo o mesmo por conta das brigas enfrentadas na luta pelo direito do pescador.

Sendo assim, as narrativas das histórias de vida dos moradores do Acampamento Coragem perpassam pelo processo de luta e resistência, luta pela subsistência, pelo peixe, pelo território, por uma terra pra acampar e plantar. Para isso resistem ao lutarem por direitos que vêm sendo violados e pelos modos de vida negados.

## **A DESTERRITORIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM**

A desterritorialização é fator recorrente durante as instalações das usinas. A mesma começa a surgir das propostas de indenização que são reproduzidas pelas empresas, com o intuito de retirar as famílias do local que a usina irá atingir. De acordo com Rocha (2016):

Os impactos sociais, culturais, ambientais, familiares e estruturais, que as populações têm sofrido no processo de desterritorialização, ocasionam na vida delas modificações no modo de viver, levando essas famílias, em certos momentos, a não quererem saber mais de

lutar por melhorias, pois as grandes obras implicam em melhores condições de vida. (ROCHA, 2016, p.124)

Diante disso, é recorrente a forma com que tais famílias sofrem acerca da imposição dos empreendedores na migração destas do ambiente em que formaram suas vidas e organizaram seu espaço territorial. Vainer (2006) entende o território como fator influente nas decisões políticas no âmbito nacional, o que acarreta uma série de problemas sociais e espaciais no local, trazendo uma reflexão da forma com que o território se relaciona inerentemente com o poder político, cultural, econômico e social.

O processo de desterritorialização é recorrente em cada nova usina instalada no país ou no mundo. As populações tradicionais são as que mais sofrem com esse processo de migração de território. Sobre o Território, vale lembrar que este “[...] surge a partir das relações sócio espaciais, relações de poder, apropriação e dominação nas mais variadas dimensões e escalas” (SANTOS; SIEBEN, 2014, pp.1-10). Nesse sentido, o território é entendido em sua totalidade, dado o fato que os indivíduos e grupos sociais ao se relacionarem uns com os outros, estão se apropriando de uma dominação espacial, e é desse processo que surge o território.

Para se falar de desterritorialização é necessário que se compreenda de qual território estamos falando; para isso Haesbaert (2003) aborda três concepções de território: jurídico-política, cultural e econômica:

[...] associando desterritorialização e exclusão social, fica evidente que, embora privilegiemos uma noção de território que vincule indissociavelmente as dinâmicas, política e cultural, os processos de desterritorialização estão sempre atrelados, em maior ou menor intensidade, à dinâmica econômica que dilacera os espaços, subordina poderes políticos e condiciona (quando não direciona) a reformulação de muitas estratégias igualitárias. (HAESBAERT, 2003, p. 11)

Com isso, as diferentes concepções de território pautadas pelo autor estão interligadas no processo de desterritorialização. Com a instalação das barragens, este processo é um dos impactos mais sofridos pelas populações tradicionais, em que os empreendedores se pautam da desapropriação de famílias e acabam gerando uma série de conflitos, pois “[...] a desterritorialização arremetida para as classes menos favorecidas afigura-se em formas de exclusão sócio espacial, de renúncia coibida e insegurança.”( ROCHA, 2016, p.124)

Inúmeros relatos, durante a pesquisa de campo, foram ouvidos dos moradores do Acampamento Coragem sobre a forma agressiva com que foram retirados da antiga terra de onde tiravam seu sustento, antes da UHE de Estreito chegar. Atualmente, ocupando uma terra do CESTE, como forma de protesto e luta pela garantia de seus direitos, os ribeirinhos são desterritorializados e estão recentemente se reterritorializando, dado o fato que “[...] a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território constituindo uma operação de linha de fuga e a reterritorialização é o movimento de construção do território.” (SIEBEN, 2012, p.203)

Recentemente os moradores do Acampamento Coragem passam por esse processo de reterritorialização, ao estarem ocupando um novo território para continuar a tirar o seu sustento daquilo que a terra e o rio produzem. Tal processo se destaca pela forma com que os ribeirinhos, pescadores e vazanteiros buscaram melhorar suas vidas; tendo eles já sido desterritorializados, a reterritorialização surge como uma forma de se adequar a uma nova realidade.

## **O ACAMPAMENTO CORAGEM**

O Acampamento Coragem está localizado no município de Palmeiras do Tocantins (TO), é formado por 40 famílias, sendo a grande maioria de pescadores associados à Colônia dos Pescadores Z35, e que antes residiam na cidade de Estreito (Maranhão). Atualmente ocupando a terra do CESTE, eles se organizam nas terras através da divisão de lotes em que cada um tem o seu, especificamente enumerado. O início do acampamento surgiu em outubro de 2015, quando os pescadores souberam do território que pertencia ao CESTE. Nesse sentido, foram instruídos a ocupar tal espaço, pois teriam o apoio do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) para a conquista de tal terra.

Segundo o relato de alguns moradores, a terra a qual ocupam hoje já era do conhecimento de muito deles, por se tratar das terras que eram de um fazendeiro. Hoje, a terra ocupada é de posse do CESTE, pois o mesmo indenizou o antigo dono da terra, mas não pagou os direitos dos pescadores.

Essa terra que nós estamos, que é o Coragem hoje, eu conhecia toda vida, desde criança que eu conheço. O pessoal começou a dizer: “rapaz, aquela terra ali é do CESTE, o CESTE pagou ela”. Aí,

conversando com as pessoas que conheciam mais, como um conhecido meu que era vizinho lá, a mãe dele tinha uma fazenda ali vizinha e conhece desde criança. Aí, conversando ele disse que o CESTE comprou: “eu tenho certeza absoluta porque eu andei mais o homem que comprou a terra”. Aí tivemos essa ideia, conversando em casa aqui, conversando com outro companheiro da cooperativa, disse que conhecia e sabia que a terra era do CESTE e o único jeito era a gente enfrentar. Ele mais um companheiro do MAB dialogamos para ocupar, porque se nós não ocupássemos o CESTE nunca ia dar nada pra gente. Aí veio um colega e eu perguntei: Vamos procurar ocupar pois tiraram tudo de nós. Então, ficou assim a conversa: “Não, só tá faltando a coragem de vocês. Aí foram indo devagarzinho os outros, eu mesmo não fui um dos primeiros a ir. (PESCADOR C, 2018, 51 anos)

Segundo a entrevista do atingido, o Acampamento teve sua formação a partir de quando souberam que a terra em que hoje residem estava sob posse do CESTE, tendo ele indenizado o antigo fazendeiro, dono de tais terras.

Esse processo de ocupação de um novo território ocorre em razão de terem sido desterritorializados de suas antigas terras, que foi alagada pela UHE de Estreito. Segundo Rogério Haesbaert (2016):



Nas sociedades tradicionais, trata-se da mais elementar formulação de uma territorialidade, aquela que depende estritamente dos meios ou recursos fornecidos pela terra, o meio no qual o grupo social está inserido, e o que o transforma, assim, num “pressuposto nativo ou divino” da existência humana. (HAESBAERT, 2016, p.396)

Os ribeirinhos do Acampamento Coragem se classificam dentro desse grupo de desterritorializados, tendo em vista que foram retirados do local em que tiravam seu sustento. O antigo ponto de pesca e vazante se encontrava à beira do rio Tocantins e era de posse de um fazendeiro que voluntariamente cedia suas terras para que os ribeirinhos fizessem uso. Nessas terras os mesmos ficavam acampados e realizavam atividades de pesca e agricultura. A vazante ficava numa ilha em frente do local em que estavam acampados. Segundo os relatos, nessa época, tanto a pesca como a lavoura geravam mais lucros, assim como a vida era mais fácil. Como disse a Pescadora Q: *Tudo era mais fácil e agora ficou mais difícil. Agora estamos nessa dificuldade. A minha pesca era melhor.*

Ao serem questionados sobre o que a vinda da barragem representava para a vida delas, responderam:

Prejuízo. Acabou com a nossa renda de peixe. Não tem peixe, não tem nada. Hoje só tem fome, mais nada. (PESCADOR D, 2018, 58 anos)  
Tristeza, porque ia acabar com o nosso lazer, de onde a gente tira nosso sustento. (PESCADOR E, 2018, 53 anos)  
Eu perdi muita coisa, lá eu tinha tudo. Não tem nada de bom (a barragem), só tem muita destruição. (PESCADOR F, 2018)

Através das falas das moradoras pude observar em seus rostos o apreço pela terra perdida. De acordo com a maioria dos moradores, a terra que foi alagada era mais produtiva e tinha mais rentabilidade, tanto na pesca como na agricultura. Esse fator é recorrente em razão da grande mortandade de peixes e de não haver a migração das espécies para que o peixe possa melhor se desenvolver e se reproduzir.

De acordo com os relatos da Pescadora N, o período de maior produção da pesca se dá durante a migração dos peixes. Antes da construção da barragem se encontravam muitos cardumes, hoje em dia não se encontram mais, pois, em decorrência do lago, os peixes têm sido impedidos de migrarem.<sup>3</sup>

A queda na pesca é fator permanentemente debatido durante todo o período de realização das observações e através das entrevistas colhidas. Como bem destaca o Pescador P, durante conversa, quando perguntado sobre as mudanças na sua produção comercial, antes da barragem, comparada com os dias atuais, o mesmo disse: *Muito mais fraco que antes. Pegava muito cardume, Tucunaré e Mampará são os únicos peixes que tem. O sabor do peixe de antes era diferente, o peixe está mais fraco.* Diante desse fato, é nítido que a dificuldade com a pesca é um dos grandes impactos ocasionados pela barragem.

Os pescadores, lavradores e ribeirinhos que hoje moram no acampamento usam a terra como forma de tirar o seu sustento próprio; o zelo e apreço pela terra em que estão é perceptível na forma com que a tratam. Sendo os entrevistados indagados sobre se pudessem escolher entre terra e o dinheiro, a maioria demonstrou afeto pela terra.

Escolheria a terra, pois é dela que a gente tira o sustento e as coisas da gente. (PESCADOR G, 2018, 40 anos)  
Escolheria a terra porque o dinheiro a gente gasta e acaba, já a terra não. (PERCADOR B, 2018, 59 anos)

---

<sup>3</sup> Naturalmente os peixes, quando o nível da água está elevado, com temperatura também alta realizam a reprodução, nadando contra a correnteza dos rios queimando gorduras. Embora a parede do reservatório impeça esse trajeto. Com a profundidade do lago e do reservatório e o calor solar, haverá formação de camadas de águas com diferentes temperaturas e concentrações de oxigênio, limitando o desenvolvimento de espécies aquáticas a uma camada específica.

Escolheria a terra, porque a terra eu tô em cima dela e tô trabalhando.  
(PESCADOR H, 2018)

Escolho a terra, porque a terra é onde posso estar desenvolvendo.  
(PESCADOR I, 2018)

Pode-se perceber através destes relatos que dinheiro nenhum pagaria o significado que os moradores do acampamento imprimem sobre a terra. Não fazem dela moeda de troca e destacam o seu valor, que é imaterial e que perpassa gerações. O Pescador O, sobre este mesmo questionamento, respondeu: “*A terra, porque se morrer hoje fica pros filhos*”.

O Pescador O, é um dos moradores mais velhos do acampamento e que persiste na luta e permanência no local, sempre trabalhando e mostrando sua força e coragem. A terra tem um significado para os moradores, que vai para além daquilo que os empreendedores atribuem. Tendo em vista a relutância do CESTE em lutar por esse território que outrora estava abandonado e sem uso algum, a visão capitalista dos empreendedores de que a terra está a serviço do lucro vai em contrapartida ao que os moradores do acampamento têm.

Tais ideias se contrapõem com a visão dos atingidos sobre desenvolvimento e o que foi prometido. Os pescadores do Acampamento destacaram que:

Prometeu e não cumpriu (O CESTE). Não teve nada de desenvolvimento. Pra nós não teve vantagem. (PESCADORA, L,2018, 46 anos)

Pra nós até agora (a barragem) não trouxe nada. Nem energia vem aqui pra nós. Nem pra nós essa barragem serve. (PESCADOR J, 2018, 64 anos)

O desenvolvimento começa do CESTE e não está tendo. O problema do desenvolvimento é o CESTE. (PESCADOR A, 2018, 60 anos)

Não concordo (com a ótica de desenvolvimento reproduzida pelos empreendedores), porque o CESTE nunca ajudou ninguém. (PESCADOR K, 2018, 57 anos)

Para Nobrega, “[...] os atingidos por barragem fazem parte do grupo crescente dos refugiados do desenvolvimento, termo que designa pessoas que sofreram deslocamentos forçados” (NOBREGA, 2011, p.125). Dentro desse grupo se encontram os moradores do Acampamento Coragem que foram desterritorializados durante a instalação da usina e que desde o início foram totalmente contra a sua instalação, dado o fato que eles são os que mais sofrem com esses projetos de infraestrutura.

A preocupação com o desenvolvimento sustentável tem crescido em nosso país, muito vem se discutindo sobre os impactos ambientais decorrentes das usinas hidrelétricas. Entretanto, com menos destaque tem-se analisado os impactos sociais desses megaempreendimentos. Pouco se fala sobre o que os sujeitos têm a dizer sobre isso, dado o fato que esses são os que há séculos fizeram e fazem uso sustentável da natureza, o que ocasiona um fator primordial para a sua análise e compreensão. Os mesmos podem auxiliar acerca das saídas mais interessantes para o tão almejado desenvolvimento, partindo de uma perspectiva mais sustentável. Assim como analisar, através desta percepção, uma melhor compreensão sobre os impactos que são menos visíveis e a desestruturação social que tais usinas têm provocado.

Os membros do Acampamento Coragem têm uma visão de desenvolvimento totalmente diferente da reproduzida pelo CESTE. Segundo eles um bom desenvolvimento seria:



A reforma agrária seria um bom desenvolvimento. Pois precisamos de ajuda agrária e melhores ações para o camponês, como também na área da educação. (PESCADORA I, 2018, 33 anos)  
Pensarem mais nos pescadores e agricultores! (PESCADORA L, 2018, 46 anos)  
Que eles arrumassem um lugar pra gente ficar. (PESCADORA M, 2018, 42 anos)  
Ajudar os pobres que estão na beira do rio morrendo. (PESCADORA N, 32 anos)

Através das visitas de campo, entrevistas e observações, percebeu-se que dentre os maiores anseios dos pescadores está o respeito e o cumprimento para com seus direitos. O pescador passou a ser legitimamente reconhecido como atingido pelas barragens apenas em 2008, durante o processo de construção da UHE de Estreito. No entanto, as lutas por reconhecimento continuam até os dias de hoje, dado o fato que os empreendedores não querem cumprir com as suas obrigações, como o caso das indenizações aos pescadores da colônia que até hoje não foram ressarcidos pela mortandade de peixes causada pela usina.

## **A FORMAÇÃO POLÍTICA DENTRO DO ACAMPAMENTO**

A pescadora L foi, durante todo esse processo de pesquisa, uma intermediária, aquilo que Doc foi para Foote Whyte, tendo em vista que “uma observação participante

não se faz sem um ‘Doc’, intermediário que abre as portas e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade” (VALLADARES, 2007, p. 153). Através de seu acolhimento pude obter dados precisos para compreender o processo de formação dos moradores do acampamento.

Mesmo não se considerando líder (pois em conversa com a mesma ela se define como representante, e não como líder do Acampamento), diante das observações e fala dos moradores, é nítido o reconhecimento de representante como sua liderança. A pescadora é militante do MAB há sete anos, e esse é um dos motivos principais de ter sido escolhida como representante do acampamento.

Ao serem questionados sobre a formação política e representatividade dentro do acampamento, os entrevistados destacam:

A gente foi escolhendo porque eles eram mais de dentro do movimento. (PESCADOR O, 2018, 70 anos)

Foi muito bom porque escolheu eles e a gente apoiou. Eles estão ajudando muito, bastante. (PESCADOR P, 2018, 55 anos)

Jacirene é líder escolhida pelos moradores. Por ela ser do MAB e ser mais desenvolvida, colocamos ela. (PESCADOR B, 2018, 59 anos)

A liderança do Acampamento foi escolhida de forma coletiva, entre os moradores. No início da ocupação cada um buscou se organizar em seu espaço, e como destacado por muitos, era “cada um por si e Deus por todos”. Após estarem dentro do acampamento decidiram se reunir mensalmente para debaterem as questões do acampamento. Nessas reuniões foi decidida a representação dos moradores, que têm a Pescadora L como líder e o Pescador A, como vice (ou diretor, como o mesmo se intitula).

Através dos relatos se observou a importância e reconhecimento que os moradores dão ao MAB. Todos destacaram seu papel na luta pelos direitos, tendo alguns deles destacado que se não fosse a ajuda do movimento eles não estariam naquele território. Vale lembrar que tal movimento:

[...] surge a partir de um argumento social, dado que as pessoas se encontram diante de uma ameaça iminente de perderem suas terras, suas benfeitorias e seu ambiente de vida pela construção de hidrelétricas. [...] o MAB se constitui também em um instrumento político – com embasamento ideológico – e um espaço de formulação de propostas alternativas acerca da questão energética e do modelo de desenvolvimento da sociedade. (BENINCÁ, 2001, p.310)

Partindo da luta do movimento que junto dos moradores do acampamento enfrentam as audiências na luta pela permanência nas terras, o MAB mostra sua representatividade e força, e é em razão desse papel que muitos dos atingidos agora reconhecem seu papel político e social.

Em todas as reuniões, encontros e eventos que são promovidos pelo MAB, a pescadora participa e leva junto consigo alguns dos moradores. Durante as reuniões, a mesma destaca as principais ações desenvolvidas pelo MAB. Inclusive, o acampamento está entre uma das lutas do movimento. Existem outros acampamentos que sofrem na justiça com as ameaças do CESTE na retirada do território ocupado e o movimento tem lutado pelo assentamento de todos esses acampamentos, como é o caso do Coragem. No acampamento citado, todos os pescadores e ribeirinhos aumentam suas expectativas acerca do ganho da terra em razão da participação do MAB nessa luta.

A militância da representante no movimento teve início quando os pescadores acamparam em frente à barragem, pois ajudou no cadastro de todos os pescadores, piscicultores e ribeirinhos no movimento. Segundo os relatos da líder, foi o movimento que lhe deu forças para ir para o acampamento, pois através do apoio e de sua participação no mesmo foi que decidiu desenvolver o papel de representante.

## **O PROCESSO DE MIGRAÇÃO DE TERRITÓRIO DOS RIBEIRINHOS/PESCADORES**

Desde antes de meu primeiro contato com o Acampamento, tive informações acerca do povo que havia ocupado esse território. Os moradores do acampamento, em sua maioria, antes da barragem, acampavam à beira do rio Tocantins, em uma terra cedida por um fazendeiro que não os impedia de fazer suas atividades de pesca e vazante.

A vida dos pescadores nessa época, segundo os relatos, era mais fácil e mais produtiva:

Antes era bem melhor. A terra de lá era bem melhor. Eu voltaria pra lá. (PESCADOR P, 2018, 55 anos)

A vontade de querer produzir, de querer ter a mesma produção que tinha. Se a gente tiver onde trabalhar a gente consegue, porque coragem e força a gente tem. Porque lá nós já tinha, e aqui nós estamos começando. (PESCADOR B, 2018)

Lá é outra coisa. Terra a beira do rio não tem comparação. Aqui agora, tem que preparar a terra. (PESCADOR A, 2018)  
Lá era melhor. Preferia lá. (PESCADOR G, 2018, 40 anos)

Para alguns dos moradores as terras do acampamento não são tão produtivas como a outra da qual foram retirados. Entretanto, de acordo com a fala de muitos deles e com base em minhas observações, dos barracões nos quais andei, sempre vi produção e plantio nas terras, a maioria tem uma roça e hortas. Com isso, mesmo não sendo tão produtiva quanto a outra, a terra dá. Tudo o que se planta dá, no entanto, o preparo da terra é maior do que antes.

A vazante era uma das atividades que mais gerava renda na vida dos ribeirinhos – a maioria dos pescadores eram vazanteiros e hoje são lavradores. A terra era muito fértil, pois o plantio se dava à beira do rio, não precisava de muito cuidado ou adubação. No acampamento não é possível realizar esse tipo de atividade, tendo em vista que a Área de Preservação Permanente (APP) demarcou 100m<sup>2</sup> da margem do rio acima onde não se pode construir e nem produzir. Nesse sentido, não existe possibilidade de os vazanteiros continuarem com as atividades que realizavam na antiga terra. Por meio disso, nota-se a perda da identidade cultural (relacionada ao território) desses povos tidos como tradicionais.

[...] a política energética brasileira, tal com ela se apresenta atualmente, traz consigo não só o lado da moeda que se remete ao progresso e ao desenvolvimento, mas, além dos danos ambientais, traz também danos sociais irreversíveis e incalculáveis, o desenraizamento, a perda da identidade e do território. (SANTOS; SIEBEN, 2014, p. 10)

Os empreendedores, ao fazerem uma demarcação de terra que impede o agricultor vazanteiro de realizar as suas atividades de lavoura, tiram deste a oportunidade de fazer aquilo que lhe traz o sustento.

O processo de migração não ocorreu de forma pacífica, de acordo com alguns moradores, a retirada da antiga terra ocorreu da seguinte forma:

O pessoal do CESTE ia lá e perguntava se eu tinha ordem de estar ali. O fazendeiro sempre dizia “Enquanto a fazenda for minha você pode ficar sossegado”. Quando o pessoal do CESTE chegava eles diziam assim: “Ei, mas vai ser ruim pra você, você tem outro lugar pra ir?”. Aí, eles diziam: você tem pra onde ir? E eu dizia: “não, não tenho pra onde ir não, só minha casa mesmo no Estreito. E eu vou criar minhas

coisas aonde?”. Eles diziam assim: “O CESTE vai contemplar esses pescadores da beira do rio que vivem assim como o senhor. Com certeza o CESTE vai comprar uma terra para ‘agazaiar’ vocês”. A conversa deles era essa. Quando eles faziam reunião na colônia, a conversa também era essa, e o tempo passando e eles fazendo a barragem. Aí, quando inundou, que teve a primeira cheia, que ele não inundou todo de uma vez, ele encheu um bocado, aí ficou meio perto. Eu estava lá. Foi a última vez. Tinha um pessoal lá trabalhando com as máquinas e vieram conversar comigo e disseram que o CESTE ia contemplar a gente. Aí eu tive que descer para Estreito pra trazer o peixe pra vender. Quando eu descí pra cá não demorou acho que duas horas que eu cheguei, eles viram que ficou sem ninguém e as máquinas estavam lá perto, eles arrojaram as máquinas e meteram o motor serra e cortaram as tábuas, pinicaram tudinho de motor serra, meteram o trator, botaram o fogão pra fora. Enterraram um bocado de coisa. (PESCADOR C, 2018, 50 anos)

Esse foi o processo da retirada do antigo local onde pescavam os moradores do Acampamento Coragem. Muitos deles destacam a destruição de seus barracões, tendo o CESTE derrubado e enterrado a maioria de seus bens. Nesse sentido, nota-se que não ocorreu nenhuma espécie de negociação efetiva.

Depois do ocorrido a maior parte dos pescadores teve que buscar outros territórios para poder continuar com suas vidas. No caso do pescador C, após ter sido retirado do antigo acampamento, o mesmo passou a migrar de um território a outro. Tendo acampado em uma pequena Ilha, que também foi atingida pela usina, lá ele ficou no período de um ano até receber a intimação da justiça para se retirar do local. Após isso, comprou um lote, e já levou suas galinhas e construiu um barracão. A terra fica na beira do lago, só que mais à frente do acampamento. Lá a APP é só 35m<sup>2</sup>, e a terra fica no município de Darcinópolis (No Tocantins, município vizinho ao de Estreito).

A terra não é muito extensa, e de acordo com Seu Antônio, não havia como trabalhar na mesma. Foi quando surgiu a ideia de ocupar o Acampamento Coragem, tendo os mesmos ocupado as terras em frente à Cooperativa, em que passaram três dias e saíram por ordem do CESTE, que prometeu arrumar outras terras para eles morarem. Após isso, souberam das terras em que hoje estão e deram início ao Acampamento.

Todo esse processo de migração de território é considerado por Haesbaert (2003) como,

[...] vinculada ao desenraizamento e ao enfraquecimento das identidades territoriais. Aqui, o território pode adquirir uma conotação culturalista e, muitas vezes, pode se confundir com o conceito de lugar visto basicamente como estratégia de identificação cultural, referência

simbólica que, sob a desterritorialização, perde sentido e se transforma em um “não-lugar”. (HAESBAERT, 2033, p.11)

Segundo o autor, tal processo se classifica pela perda de território e de identidade cultural, tendo em vista que a migração de um indivíduo de um espaço para outro acarreta em uma série de fatores conflituosos que irão impactar em sua vivência e reinserção em um novo território.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho possibilitou uma série de reflexões a partir das vivências com os moradores do Acampamento Coragem, além de perceber o modo de vida dessa população, compreender os inúmeros embates enfrentados com as construções de grandes empreendimentos, como é o caso das Usinas Hidrelétricas. De acordo com as reflexões propostas no artigo, as construções das usinas surgem de um discurso desenvolvimentista pautado na ótica capitalista de promoção da economia nacional. Entretanto, esse “progresso” é promovido ultrapassando uma série de impactos e conflitos, como em específico os socioespaciais.

O processo de desterritorialização é um dos impactos sofridos pelos atingidos por barragens, o mesmo está carregado de uma série de conflitos vividos por essas populações, que ao perderem seus territórios enfrentam grandes embates na luta pela sua reterritorialização. Nesse sentido, os moradores do Acampamento Coragem destacam todo o processo de migração de território, assim como as suas percepções acerca da vinda das barragens para a região. Como visto, a mesma não gerou nenhuma espécie de desenvolvimento para essa comunidade, ao contrário, tirou o seu sustento. A concepção de desenvolvimento dos atingidos diverge totalmente daquela defendida pelos empreendedores e gestores públicos. No entanto, diferentes dos outros grupos envolvidos, os atingidos não estão inseridos nos processos decisórios e não são ouvidos. Os atingidos percebem a vinda da barragem como algo que impactou negativamente as suas vidas, tendo ocasionado uma série de conflitos que marcaram seus cotidianos.

Através deste estudo, podemos refletir sobre as políticas de infraestrutura que estão sendo desenvolvidas no nosso país, e de que forma elas contribuem para o bem da população. Tendo em vista que a ótica desenvolvimentista é percebida de diferentes maneiras - e um bom desenvolvimento para a nação deve levar em conta todos os povos

-, os atingidos pelas barragens não participam desse “progresso”, pois estão sendo descartados a cada nova usina instalada no país.

Diante disso, a luta do MAB é pelos direitos dos atingidos e pela formação de um modelo energético que não agrida tanto o meio ambiente e também as comunidades que sobrevivem dos recursos naturais, dado o fato que este modelo já ultrapassa gerações e continua a impactar vidas em todo o mundo. Estes acreditam que podemos - um dia - utilizar outros meios de gerar energia, inclusive as renováveis que são pouco aproveitadas, mas são menos agressoras em diversos aspectos, tanto sociais quanto ambientais. A participação do movimento dentre as ações do governo (que persiste na produção de barragens em todo o país) tem gerado grandes embates e conquistas. O movimento vem persistindo na luta pelos atingidos por barragens e na promoção de uma economia que não impacte tanto a natureza e nem estes povos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENINCÁ, Dirceu. **Energia & Cidadania: a luta dos atingidos por barragens**. São Paulo: Cortez, 2011.
- HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 29, p. 11–24, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- NOBREGA, Renata da Silva. Os atingidos por barragens: refugiados de uma guerra desconhecida. **InRev. Inter. Mob. Hum.** Brasília, ano XIX, n. 36, p. 125-143, jan./jun. 2011.
- ROCHA, Judite da. **Usina Hidrelétrica de Estreito e desterritorialização: impactos sobre a saúde e resistência das famílias atingidas**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, 2016.
- SANTOS, Alisson Almeida; SIEBEN, Airton. Hidreletricidade e des-re-territorialização: uma análise a partir no reassentamento Mirindiba localizado no município de Araguaína-TO. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, TO, ano 03, n. 1, p. 1-10, jan./jun. 2014.
- SIEBEN, Airton. **Estado e Política Energética: a desterritorialização da comunidade rural de Palmatuba em Babaçulândia (TO) pela Usina Hidrelétrica Estreito**. Uberlândia,

MG: UFU. Tese (Doutorado em Geografia) Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, p. 153-155, 2007.

## FONTES ORAIS

PESCADOR A, 04/02/2018, 60 anos.  
PESCADOR B, 14/01/2018, 59 anos.  
PESCADOR A, 04/02/2018, 60 anos.  
PESCADOR C, 05/02/2018, 51 anos.  
PESCADORA D, 14/01/2018, 58 anos.  
PESCADORA E, 14/01/2018, 53 anos.  
PESCADORA F, 14/01/2018, 56 anos.  
PESCADOR G, 15/01/2018, 40 anos.  
PESCADOR B, 14/01/2018, 59 anos.  
PESCADOR H, 04/02/2018, 59 anos.  
PESCADORA I, 04/02/2018, 33 anos.  
PESCADORA L, 05/02/2018, 46 anos.  
PESCADOR J, 05/02/2018, 64 anos.  
PESCADOR A, 04/02/2018, 60 anos.  
PESCADOR K, 04/02/2018, 57 anos.  
PESCADORA I, 04/02/2018, 33 anos.  
PESCADORA L, 05/02/2018, 46 anos.  
PESCADORA M, 05/02/2018, 42 anos.  
PESCADORA N, 14/01/2018, 32 anos.  
PESCADOR O, 04/02/2018, 70 anos.  
PESCADOR P, 14/01/2018, 55 anos.  
PESCADOR B, 14/01/2018, 59 anos.  
PESCADOR P, 14/01/2018, 55 anos.  
PESCADOR B, 14/01/2018, 59 anos.  
PESCADOR A, 04/02/2018, 60 anos.  
PESCADOR G, 04/02/2018, 40 anos.  
PESCADOR C, 05/02/2018, 50 anos.

**RECEBIDO EM: 10/02/2020**

**PARECER DADO EM: 12/05/2020**